

## As duas sofísticas de Filostrato<sup>1</sup>

Oswaldo Cunha Neto

RESUMO: A apresentação da sofística que propõe Filostrato na introdução da obra *Vidas dos Sofistas* apresenta um problema de interpretação. O sistema das duas sofísticas, a antiga e a segunda, aquele definido pelo autor da obra *Vidas*, parece, na verdade, abarcar falhas e contradições que colocam em xeque a credibilidade de Filostrato. Seria possível, assim, acreditar que o sistema filostratiano das duas sofísticas, por sua aparente incoerência, não esclarece de modo nenhum a questão da definição de sofista. A proposta deste artigo consiste, por outro lado, em tornar evidente a concepção da sofística que se esconde atrás da oposição entre a antiga sofística e a segunda sofística, a partir da análise da introdução e do prefácio da obra *Vidas dos Sofistas*.

Palavras-chave: segunda sofística; Vidas dos sofistas; Filostrato; retórica; filosofia.

É na Tessália que Górgias, o leontino, promoveu a origem da mais antiga sofística, enquanto que Ésquines, filho de Atrômeto, promoveu a origem da segunda sofística, depois de ter sido deposto da vida política, em Atenas, foi viver em Cária e em Rhodes<sup>2</sup>.

Filostrato, *VS*, 481.

Aos olhos de Filostrato, apesar dos séculos que separam Górgias, Isócrates, Ésquines, Dion de Prusa, Herodes Atico e Hélio Aristides, todos fazem jus ao título de sofistas. Ao menos é o que deixa entender em seus dois livros dedicados ao cônsul Antônio Gorgiano que a tradição manuscrita nos transmitiu sob o título βίοι σοφιστῶν, *As vidas dos sofistas*<sup>3</sup>. No entanto, em nenhuma parte desta obra, Filostrato de Lemos, sofista e filho de sofista<sup>4</sup>, se preocupou em definir claramente o termo, σοφιστής, que

<sup>1</sup> CÔTÉ, Dominique. Les deux sophistiques de Philostrate. *Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric*, University of California Press. Vol. 24, No. 1 (Winter, 2006), pp. 1- 35.

Este estudo constituiu a versão revisada e corrigida de uma comunicação apresentada na reunião anual da Sociedade de Estudos Antigos do Quebec, na Universidade de Ottawa em 03 de abril de 2004. (NA)

<sup>2</sup> Salvo em indicações contrárias, as traduções das *Vidas* são nossas. (NA)

<sup>3</sup> Para o texto das *Vidas dos sofistas* nós dispomos da edição de C. L. Kayser, *Flavii Philostrati Opera*, Leipzig, Teubner, 1871, reimpresso pela Loeb Classical Library e traduzido em inglês por Wilmer Cave Wright, em 1921. No entanto, as referências e citações serão feitas segundo a paginação da edição estabelecida por Gottfried Olearius, Leipzig, 1709. (NA)

<sup>4</sup> Dos três Filostratos mencionados em *Suda*, o autor das *Vidas* será o primeiro da lista, mas o segundo na ordem cronológica: ele teria vivido de 170 à 250 d. C. Segue-se o texto da *Suda* sobre o segundo Filostrato: “Filostrato, Filho de Filostrato, filho de Verus, sofista de Lemos, segundo sofista de mesmo nome, exerceu a prática como sofista em Atenas em seguida em Roma, sob o império de Severo até o

exatamente instaura um problema de definição<sup>5</sup>. Ele propõe, ao invés disso, de maneira introdutória, um sistema de classificação que distingue, segundo critérios que veremos mais tarde, os sofistas da antiga sofística dos sofistas da segunda sofística. Poderíamos ver, nessa tentativa de classificação, muitas vezes considerada desajeitada<sup>6</sup>, uma vontade de definir o sofista da época Imperial em oposição ao sofista da Atenas clássica, como muitas vezes fazem a maior parte dos modernos que colocam os antigos sofistas do lado da filosofia e os segundos sofistas do lado da retórica e da literatura<sup>7</sup>. Poderíamos vê-la, ao contrário, como uma vontade de definir os sofistas imperiais relacionados aos sofistas clássicos, como hoje tenta fazer Barbara Cassin<sup>8</sup>. Desse modo, nos propomos primeiramente a examinar e analisar as definições que apresenta a introdução. Em seguida procuraremos determinar, por uma atenta leitura do prefácio, a intenção que norteia esta descrição bastante esquemática da sofística.

---

reinado de Felipe. Ele escreveu declamações, cartas eróticas, As imagens ou As descrições (em quatro livros), A agora, O Heróico, preâmbulos, As cabras ou A flauta, A vida de Apolônio de Tiana (em oito livros), As vidas dos sofistas (em quatro livros), epigramas, etc.” Sobre a questão de Filostrato ver sobretudo o artigo bastante completo de Ludo de Lannoy “Le problème des Philostrate (État de la question)” in: W. Haase (org.) *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. II (Band 34.3), Berlin Walter de Gruyter, 1997, p. 2362 – 2449 e o capítulo que Graham Anderson dedicou em sua monografia sobre Filostrato: *Philostratus – Biography and Belles Letters in the Third Century A.D.*, Londres, Croom Helm, 1986, p. 291 – 296. Sobre a carreira de Filostrato ver particularmente a recente síntese de Alain Billault; *O universo de Filostrato*, Bruxelas, Edições Latomus (vol. 252), 2000. (NA)

<sup>5</sup> Nas obras sobre a segunda sofística ou retórica na época imperial o problema de definição de 'sofista' tornou-se um verdadeiro *locus communis*. Ver, por exemplo, Glen W. Bowersock, *Greek Sophists in the Roman Empire*, Oxford, Clarendon Press, 1969, p. 12-13 e sua definição: “O sofista era um retórico virtuoso com um público de grande reputação” (p. 13). Mais recentemente, P. A. Brunt, em um importante artigo; *The bubble of the Second Sophistic*, *Bulletin of the Institute Classical Studies* – 39 (1994), conclui que o termo sofista “significa tanto professor de retórica quanto orador epidítico ou ambos” (p. 33). Ver também os diferentes empregos da palavra revelados por Brunt no apêndice II; “Some uses of the term Sophist” (p. 48 – 50). Bernadette Puech, em sua obra *Orateurs et sophistes grecs dans les inscriptions d'époque impériale*, Paris, Vrin (Coll. “Textes et traditions”), 2002, p. 10-15, retoma as conclusões de Brunt. (NA)

<sup>6</sup> Cf. Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A.D.*, p.11 que qualifica o esquema de Filostrato de “deploravelmente fora do comum” e, mais adiante; “O esquema é absurdo”. (NA)

<sup>7</sup> A grosso modo é essa a abordagem de B.P. Reardon, *Courants littéraires grecs des IIe et IIIe siècles après Jésus-Christ*, Paris, Les Belles Lettres, 1971 e Graham Anderson, *The Second Sophistic: a Cultural Phenomenon in the Roman Empire*, Londres, Routledge, 1993 que vêem na 'sofística imperial' um fenômeno essencialmente cultural e literário, destituído de interesses filosóficos. (NA)

<sup>8</sup> Barbara Cassin não nega as diferenças que existem entre as duas sofísticas. Ela procura antes ver como a segunda sofística pode se definir, assim como a primeira sofística, em suas relações com a filosofia. Como ela explica no capítulo “*Du faux ou du mensonge à la fiction* (de *pseudos* à *plasma*)” presente na obra: *Le plaisir de parler. Études de sophistique comparée*, Paris, Les éditions de Minuit, 1986, p. 3-29, seu ponto de partida é o estatuto da linguagem: “É a partir de uma reflexão sobre o estatuto sofístico da linguagem que me parece possível estabelecer entre a primeira e a segunda sofística uma relação outra do que de homonomia ou de caricatura” (p.05). (NA)

## O sistema das duas sofísticas

Na introdução das *Vidas*, Filostrato procura, notadamente, instruir seu ilustre leitor com uma breve apresentação histórica da sofística. Assim, ele distingue uma sofística antiga, da qual pertence Górgias, de uma segunda sofística, da qual pertence Filostrato.

### 1- A antiga sofística: ἡ ἀρχαία σοφιστική (VS, 480-81.)

É necessário se considerar a antiga sofística como uma retórica que faz filosofia. Ela discute efetivamente aquilo que os filósofos se ocupam mas, com isso mesmo que, depois de ser ocultado, eles se armam das suas questões, para surgir pouco à pouco os míseros resultados de suas pesquisas afirmando ainda não conhecerem, o sofista da antiga sofística fala como se tivesse obtido esse mesmo saber. Por exemplo; as expressões “eu sei”, “eu conheço”, “eu já examinei faz tempo” e “não há nada de seguro ao homem” compõem os exórdios de seus discursos. Essa forma de exórdio faz ressoar seus discursos com um caráter nobre, de uma inteligência e clara compreensão do real. A filosofia vincula-se com a mântica humana, que os egípcios e caldeus – e antes deles os indianos – tinham estabelecido e que conjectura o real a partir de milhares de estrelas enquanto que a sofística vincula-se com o sinal profético e oracular.

Filostrato, VS, 480-81.

Se acreditarmos na introdução das *Vidas*, a antiga sofística se caracteriza primeiramente por sua relação com a filosofia. Como o exprime Filostrato, a antiga sofística é uma retórica “filosofante” (ῥητορικὴ φιλοσοφούσα). Isso quer dizer que ela trata (διαλέγεται) dos mesmos temas que a filosofia: a coragem, a justiça, os heróis, os deuses, a constituição do universo.

No entanto, a sofística se distingue da filosofia por sua relação com o conhecimento. Aldo Brancacci dirá, sobre esta questão, que “não subsiste diferenças de conteúdo entre a filosofia e a retórica porque todas as duas tem por objeto os mesmos *logoi*, mas de forma e metodologia diferentes”<sup>9</sup>. Enquanto que o filósofo interroga, pesquisa e acaba por admitir que ainda não sabe (οὐπω φασὶ γιγνώσκειν), porque a

---

<sup>9</sup> Aldo Brancacci, “*Seconde sophistique, historiographie et philosophie* (Philostrate, Eunape, Synésios)”, in: Barbara Cassin (org.); *Le plaisir de parler. Études de sophistique comparée*, Paris, Les éditions de Minuit, 1986, p.95. (NA)

filosofia se compara à uma arte profética de inspiração humana (ἡ ἀνθρωπίνη μαντική), como aquela que praticavam os egípcios, os caldeus e os indianos, com suas conjecturas sobre o ser baseadas em observações dos astros, o antigo sofista fala como se já soubesse (ὡς εἰδὼς λέγει): o exórdio dos seus discursos começa pelos: “eu sei” (οἶδα), “eu conheço” (γιγνώσκω), “eu já examinei faz tempo” (πάλαι διέσκεμμαι) e ressoa de uma “ clara compreensão do real” (κατάληψις σαφῆς τοῦ ὄντος). A antiga sofística compara-se com a arte profética de inspiração divina (ἡ μαντικὴ θεσπιωδὸς καὶ χρηστηριώδη). Filostrato acrescenta, para fechar sua breve descrição, que a antiga sofística foi fundada por Górgias e que o tratamento do tema se fazia, nesse contexto, segundo a opinião de cada um (κατὰ δόξαν).

Evidentemente nós podemos destacar as fragilidades dessa definição e dizer, com P. A. Brunt, que: “Essa descrição é completamente insatisfatória”<sup>10</sup>. Anderson, por exemplo, revelará o caráter duvidoso de uma exposição que compara a filosofia e a sofística em relação à arte profética<sup>11</sup>. Podemos igualmente sublinhar o interesse dessa definição para o estudo das relações entre a sofística e a filosofia e considerar, juntamente com Barbara Cassin, que essa comparação é “notadamente instrutiva”<sup>12</sup>. Para uma “clara apreensão do real” que supõe o seu estilo oracular e que se opõe à aporia do filósofo, o sofista suplanta o filósofo. “A sofística é em ato”, explica Barbara Cassin, “aquilo que a filosofia é somente em potência”<sup>13</sup>. Para Aldo Brancacci, o texto se apresenta “como a inversão sistemática de uma série de declarações platônicas opondo o discurso sofístico ao método de interrogação socrático, e como a inversão dos juízos aristotélicos concernente ao *pseudo* saber dos sofistas”<sup>14</sup>. No mesmo espírito, Francesca Mestre e Pilar Gomes vêem aqui uma “leitura ao *contrário*” da oposição platônica entre o sofista e o filósofo, uma “reminiscência platônica” de alguma forma<sup>15</sup>. Eles sublinham com pertinência o laço que o próprio Protágoras, no diálogo platônico

---

<sup>10</sup> *The bubble of the Second Sophistic*, p. 27. “Estes sofistas”, continua ele, “ensinavam a perícia nas disputas e apresentavam argumentos filosóficos em suas obras publicadas, mesmo seus temas não eram exclusivamente filosóficos”. (NA)

<sup>11</sup> Graham Anderson, *Philostratus – Biography and Belles Letters in the Third Century A.D.*, p. 11; “Essa duvidosa comparação é apoiada em uma história duvidosa”. (NA)

<sup>12</sup> Barbara Cassin, *L’effet sophistique*, Paris, Gallimard (coll. “*nrf* essais”), 1995, p. 455. (NA)

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 454. (NA)

<sup>14</sup> Aldo Brancacci, “*Seconde sophistique, historiographie et philosophie*, p. 91. Segundo o autor, “muitos textos poderiam servir para provar que o julgamento platônico-aristotélico era bem conhecido de Filostrato”. (NA)

<sup>15</sup> Francesca Mestre et Pilar Gomez, “Les Sophistes de Philostrate”, em Nicole Louraux e Carles Miralles (orgs.); *Figures de l’intellectuel em Grèce ancienne*, Paris, Belin (coll. “A antiguidade no presente”), 1998, p.344-345. (NA)

que leva o seu nome, estabelece entre a arte do sofista, a qual ele defende a nobre antiguidade e a inspiração divina<sup>16</sup>. Entre os neo-platônicos Porfírio e Jâmblico, é verdade, a questão da adivinhação terá sua importância e não se exclui [a hipótese de] que Filostrato fizesse aqui alusão às discussões correntes durante sua vida, nos círculos platônicos e que encontrariam mais tarde sua plena expressão no neo-platonismo<sup>17</sup>.

## 2. A segunda sofística: ἡ δευτέρα σοφιστική (VS, 481)

A sofística que se seguiu, que não era nova mas, ainda antiga, e que seria melhor qualificada de 'segunda', esboçou os tipos do pobre e do rico, do chefe e do soberano e tratava de temas nominais que vêm da história.

Filostrato, VS, 481.

A sofística que se segue à antiga sofística não é 'nova': ela é igualmente antiga e deve, então, se chamar de 'segunda' (ἡ δὲ μετ' ἐκείνην, ἦν οὐχὶ νέαν, ἀρχαία γάρ, δευτέραν δὲ μᾶλλον προσρητέον). A sofística a qual Filostrato pertence não se distingue pelo seu caráter inovador. Como observa B. P. Reardon, a expressão “segunda sofística” não evoca um “*revival*” mas, sobretudo, a segunda etapa, o desenvolvimento da sofística de origem<sup>18</sup>.

Ainda que a antiga sofística se situe explicitamente em uma relação de comparação com a filosofia, a segunda sofística se define implicitamente em uma relação com a história. Existe, segundo os termos de Barbara Cassin, “uma verdadeira analogia de proporção”, na medida em que a “retórica filosofante” da antiga sofística parece aqui corresponder à uma “retórica historicizante”<sup>19</sup>. Para voltar ao texto de Filostrato, a segunda sofística descreve os tipos (ὑπετυπώσατο) do pobre e do rico, do

---

<sup>16</sup> Ibid. p. 345. Cf. a proposição que Platão atribui a Protágoras (*Protagoras* 316d): “Quanto a mim, eu afirmo que a arte da sofística é antiga, mas os antigos que praticavam essa arte tinham o costume, para evitar o ódio que se associava a ela, de disfarçá-la e dissimulá-la sob máscaras diversas, uns por meio da poesia, como Homero, Hesíodo e Simônides, outros por meio de iniciações proféticas, como Orfeu e Museu” (a partir da tradução de Alfred Croiset, CUF). (NA)

<sup>17</sup> Sobre esta questão ver Francesca Mestre e Pilar Gomez, “Les sophistes de Philostrate”, p. 345-346. (NA)

<sup>18</sup> B. P. Reardon, “The Second Sophistic” in: Warren Treadgold (org.), *Renaissances Before Renaissance. Cultural Revivals of Late Antiquity and Middle Ages*, Stanford University Press, 1984, p. 23: “Ele usa [esta expressão] não com um sentido de 'ressurgimento' e sim de um segundo estágio, um desenvolvimento do movimento sofístico original do final do século V a.C.” (NA)

<sup>19</sup> Barbara Cassin, *L'effect sophistique*, p. 459. (NA)

príncipe e do tirano<sup>20</sup>, ela trata de temas nominais que a história lhe fornece (τὰς ἐς ὄνομα ὑποθέσεις, ἐφ' ἧς ἡ ἱστορία ἄγει)<sup>21</sup>. Obviamente, Filostrato descreve aqui, todavia sem o nomear, o exercício retórico por excelência da sofística imperial: a declamação ou o discurso fictício (μελέτη)<sup>22</sup>. Se acompanhamos a análise de Laurent Pernot sobre esta questão, é necessário ver na “descrição de tipos” declamações éticas (“caracteres definidos pelos traços sócio-psicológicos de situações imaginárias”) como, por exemplo, o pobre que descobriu um tesouro e que preza por guardá-lo, e nos “temas nominais de natureza histórica”, declamações históricas (de personagens reais, situações inspiradas na história) como, por exemplo, Temístocles se dirige aos atenienses antes da batalha de Salamina<sup>23</sup>.

Filostrato termina a apresentação das duas sofísticas especificando que a segunda sofística foi fundada por Ésquines e que o tratamento do tema se faz segundo as regras da arte (κατὰ τέχνην). Será que isso significaria dizer que os sofistas Górgias e Protágoras não teriam nenhuma intenção nem pretensão de elaborar uma τέχνην do discurso? Como veremos em breve, a informação sobre Górgias virá, em relação a esta questão, contradizer o propósito da introdução. No fundo, graças às linhas da introdução

---

<sup>20</sup> Partindo do emprego feito por Filostrato do verbo ὑποτυπώω, Barbara Cassin, *Ibid.*, pode dizer que a segunda sofística fez da “hipotypose” (em grego ὑποτυπώσεις), i. e. aquilo que ela “descreve em traços gerais de caracteres”. No sentido retórico (ver a nota de Cassin, *Ibid.*, p. 609) a hipotypose é definida por Quintiliano (*Inst.* IX, 2, 40) como um esboço tão vivo “que acreditamos mais por ver do que por entender”. (NA)

<sup>21</sup> O trecho ( τὰς ἐς ὄνομα ὑποθέσεις, ἐφ' ἧς ἡ ἱστορία ἄγει ) não é fácil de se traduzir. Nossa tradução se inspira na tradução de Laurent Pernot, “L’art du sophiste à l’époque romaine: entre savoir et pouvoir”, in: C. Lévy, B. Besnier et A. Gigandet (org.), *Ars et Ratio. Sciences, art et métiers dans la philosophie hellénistique et romaine*, Bruxelles, Éditions Latomus (Coll. “Latomus”, vol. 273), 2003, p.129, que propõe traduzir τὰς ἐς ὄνομα ὑποθέσεις por “os assuntos nominais”. A tradução de Pernot modifica ligeiramente a de E. J. Bourquin, “Vies des sophistes de Philostrate. Extraits d’une traduction nouvelle”, *Annuaire de l’association pour l’encouragement des études grecques em France*, 14 (1880), p. 129. Barbara Cassin, *L’effet sophistique*, p. 459, dá a esta expressão uma tradução bastante interessante: “a segunda sofística... aproveita aquilo que a história traz e devolve os casos que, por sua vez, se enquadram sob um nome”. Ela dá em seguida dois exemplos: “Alexandre com um caso de conquistador ou Demóstenes como o caso de um demagogo”. (NA)

<sup>22</sup> Laurent Pernot, “L’art du sophiste à l’époque romaine: entre savoir et pouvoir”, p. 129: “A declamação é um discurso praticado em contextos escolares, ou universitários, e destinados, sobretudo, ao ensino da retórica, em vista do qual ele constitui o mais completo exercício”. Sobre a definição e a prática da declamação ver também as obras fundamentais de Donald Lemen Clark, *Rhetoric in Greco-Roman Education*, New York, Columbia University Press, 1957, capítulo VII “Declamation”, p. 213-261 e Donald A. Russel, *Greek Declamation*, Cambridge University Press, 1983. Também convém consultar a contribuição de George Kennedy sobre o assunto: “The Sophists as Declaimers”, in: Glen W. Bowersock (org.) *Approaches to the Second Sophistic. Papers presented at the 105<sup>th</sup> Annual Meeting of the American Philological Association*, University Park (Pensilvânia), The American Philological Association, 1974, p. 17-22. (NA)

<sup>23</sup> *Ibid.* Encontraremos outros exemplos de declamações, apresentados e traduzidos por Françoise Desbordes, *La Rhétorique Antique. L’art de persuader*, Paris, Hachette (col. Hachette Université – Langues et civilisations anciennes), 1996, p. 227 – 231. (NA)

que definem a segunda sofística e graças aos 44 registros dedicados aos sofistas imperiais, o autor das *Vidas* busca destacar, no interior da história desses especialistas em retórica que chamamos de sofistas, a emergência de uma retórica diferente, que se define essencialmente pela prática da declamação. E, com certeza, esses que Filostrato qualifica de sofistas não inventaram a declamação<sup>24</sup> e suas atividades retóricas certamente não estão limitadas à prática da declamação<sup>25</sup>. E permanece aos olhos de Filostrato o título de sofista, ao menos no contexto da segunda sofística, que não se aplicaria senão ao *expert* da declamação, ao “professor de declamação”<sup>26</sup>.

### As falhas e as contradições do sistema

A construção teórica que acabamos de descrever, em relação àquela que Filostrato introduz uma distinção formal entre uma antiga sofística e uma segunda sofística, não resiste a um exame atento de seus componentes<sup>27</sup>. Há, de fato, falhas e contradições no sistema que introduzem uma espécie de confusão entre as duas sofísticas.

#### 1. Os filósofos-sofistas (VS 484-492)

Então os antigos não davam o nome de sofista apenas para os retóricos ilustres pela superioridade de sua linguagem, mas também aos filósofos que expunham suas idéias com fluidez<sup>28</sup>.

Filostrato, *VS*, 484.

---

<sup>24</sup> Quintiliano (*Inst.* II, 4, 41) relata que a declamação sobre temas fictícios poderiam remontar a Demétrio de Faleros (séc. IV a.C.). Sobre esta questão ver D. L. Clark, *Rhetoric in Greco-Roman Education*, p. 213 e P. A. Brunt “The bubble of the Second Sophistic”, *Bulletin of the Institute Classical Studies*, 39 (1994), p. 29. (NA)

<sup>25</sup> Cf. o ponto de vista de B. P. Reardon, “The Second Sophistic”, p. 24: << tratados como oradores “sofísticos”, agora não mais com questões políticas ou sociais mas com o que poderíamos chamar de tópicos “ocasionais”, um tipo de *belles lettres*; eles se tornaram literatos da palavra falada>>. (NA)

<sup>26</sup> Laurent Pernot, “L'art du sophiste à l'époque romaine: entre savoir et pouvoir”, p. 129: “O sofista, no sentido stricto, segundo Filostrato, é então um professor de declamação”. Cf. o comentário de P. A. Brunt, “The bubble of the Second Sophistic”, p. 30: “Agora está claro, à partir de quase todas as páginas do trabalho de Filostrato, que era na oratória epidíctica que seus sofista se sobressaiam, epidíctica no sentido stricto, porém mais ainda nas declamações.” E mais adiante ele continua acerca dos mesmos sofistas: “O propósito deles era manifestamente não a persuasão ou a instrução, mas a exibição de suas habilidades e vislumbre de suas platéias” (p.31). (NA)

<sup>27</sup> Cf. a opinião de Françoise Desbordes, *La Rhétorique Antique*, p. 155: “essas definições não são muito adequadas, nem para os antigos sofistas, nem para os representantes da segunda sofística”. (NA)

<sup>28</sup> Σοφιστὰς δὲ οἱ παλαιοὶ ἐπωνόμαζον οὐ μόνον τῶν ῥητόρων τοὺς ὑπερφωνοῦντάς τε καὶ λαμπροῦς, ἀλλὰ καὶ τῶν φιλοσόφων τοὺς ξὺν εὐροίᾳ ἐρμηνεύοντας. (NA)

Segundo o sistema de Filostrato, na verdade, a combinação filosofia/retórica deveria ser confiada à antiga sofística e se limitar a Isócrates. Como qualificar, então, intelectuais da época imperial como Dion de Prusa e Favorino de Arles que praticam a filosofia e a retórica? Mesmo antes de enumerar os sofistas da antiga e da segunda sofística, Filostrato se vê obrigado a derogar seu sistema e a criar uma categoria paralela: os filósofos-sofistas ou, para retomar o oportuno neologismo de Barbara Cassin, os “*doxosofistas*”<sup>29</sup>. O caráter heteróclito da lista<sup>30</sup>, que compreende figuras obscuras, como Teomnesto de Naucratis, e passa pelo silêncio de casos evidentes, como o de Platão, aliás, dá margem para supor que a categoria só acrescentada para considerar Dion e Favorino<sup>31</sup>. Com efeito, Filostrato não poderia negar que certos filósofos da época imperial, como Favorino de Arles e Dion de Prusa rivalizavam em habilidade oratória com os melhores retores profissionais da época. O fenômeno não concorda com o seu sistema de classificação mas, ainda assim, ele procura levá-lo em consideração<sup>32</sup>. Tratar-se-ia de um embaraço, como acredita Anderson<sup>33</sup>, ou, ao contrário, a um sentimento de orgulho, dado que os filósofos se viam agora julgados à luz da eloquência? Seja como for, ao classificar Dion de Prusa e Favorino de Arles entre os sofistas, Filostrato reconhece a continuidade do laço entre filosofia e retórica na época imperial e, ao mesmo tempo, contradiz sua própria definição da antiga sofística. Aldo Brancacci<sup>34</sup> e Barbara Cassin, entretanto, estabelecem uma relação entre a categoria do filósofo-

---

<sup>29</sup> Ver Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 452. O autor utiliza o verbo δοκέω e as palavras relacionadas [acabam] por forjar seu neologismo. O filósofo-sofista é aquele que deve sua inclusão no mundo da sofística à δόξα, a renomada. Cf. Francesca Mestre e Pilar Gomez, “Les sophistes de Philostrate”, p. 338. (NA)

<sup>30</sup> Para a lista dos oito filósofos-sofistas, ver o anexo 2. Sobre o caráter heteróclito da lista, cf. Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A.D.*, p. 11-12: “todos esses nomes que são despejados são uma farsa” e Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 453: “naquelas linhas são enumerados uns quase desconhecidos”. (NA)

<sup>31</sup> Esta é a opinião de Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 453. Por outro lado, não seria ilícito procurar nesta lista um possível fio condutor. Alain Michel, “Rhétorique et philosophie au second siècle ap. J. C.”, in: W. Hasse (org.), *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. II (Band 34.1), Berlin, Walter de Gruyter, 1993, p. 28, fala de “laços evidentes” e considera que esses filósofos são aproximados por um feito: “eles dependem da tradição platônica”. De todo modo, a questão é incontestável para Eudóxo, discipulo de Platão, e Carnéades, fundador da Nova Academia. (NA)

<sup>32</sup> Para Glen W. Bowersock, *Greek Sophists in the Roman Empire*, p. 12, Filostrato oferece aqui uma imagem exata das relações entre os sofistas e os filósofos: “Filostrato, portanto, retrata acuradamente as relações dos filósofos e sofistas no meio intelectual do segundo século”. Nos parece, entretanto, que tal [ideia] seria fruto de uma certa confusão entre retor e sofista. (NA)

<sup>33</sup> Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A.D.*, p. 11: “ele relegou esses embaraçosos conteúdos ao que equivale uma nota de rodapé introdutória”.

<sup>34</sup> Aldo Brancacci “Seconde sophistique, historiographie et philosophie”, p. 95. Para o autor o filósofo-sofista deve ser entendido à luz da definição da antiga sofística, i. e. uma “retórica filosofante”. (NA)

sofista e o rol da filosofia na antiga sofística, aquela mesma definida por Filostrato. Nestes dois casos, observam eles, há uma inversão da relação, estabelecida por Platão, entre filosofia e sofística<sup>35</sup>. Assim, ainda que conceda a honra de certos filósofos portarem o nome de sofista, Filostrato inverte esta relação, afinal de contas estes não são mais, como na antiga sofística, retores no exercício da filosofia e que passam por filósofos (κατὰ δόξαν) mas, ao contrário, filósofos no exercício da retórica e que parecem tratar da sofística (ἐν δόξει).

O acréscimo de uma terceira sucessão, de uma διαδοχή, a dos doxosofistas, permite a Filostrato definir, de quebra, a sofística. O que faz de um retor ou de um filósofo um sofista é a fluidez de seu discurso. A esta qualidade poderiam se acrescentar a facilidade de improvisação, o senso de réplica e a musicalidade do discurso. Os filósofos que, desde Eudoxo de Cnido (406 – 355 a.C.) expunham suas ideias com fluidez, que servem de prova, em outros termos, de uma competência retórica, podem, assim, ser computados entre os sofistas porque eles têm a aparência de sofistas: “Ainda que eles não fossem realmente sofistas”, explica Filostrato, “eles tinham a aparência e acabaram por levar o nome”<sup>36</sup>. Notemos, por outro lado, que um dos oito filósofos-sofistas de Filostrato, Dion de Prusa, provavelmente não teria aceitado a “honra” de ser computado entre os sofistas. Quando muito, retor, um filósofo, é aceitável, mas, sofista, certamente não! Dion se considera acima de tudo um filósofo. Ele faz questão de se manter à distância em relação aos sofistas<sup>37</sup>. Parece, com efeito, que o termo σοφιστής conservou, nos séculos I e II, em muitos casos, sua conotação pejorativa<sup>38</sup>. A epigrafista Bernadette Puech, aliás, constata que “seria possível se apresentar como orador e sofista, como orador e filósofo, mas ninguém se dizia, ao mesmo tempo, sofista e filósofo”<sup>39</sup>.

---

<sup>35</sup> Ver Aldo Bracacci “Seconde sophistique, historiographie et philosophie”, p. 97 e sobretudo Barbara Cassin, “Du faux ou du mensonge à la fiction (de *pseudos* à *plasma*)”, p. 14-15: “A sofística, pseudo-filosofia e mesmo pseudo-retórica, é assim tornada, nas respostas palimpsésticas da segunda sofística a Platão e Aristóteles, uma retórica filosofante, modelo e gênero homônimo da filosofia”. (NA)

<sup>36</sup> Cf. a outra expressão utilizada na *Vida dos Sofistas* para designar os filósofos sofistas:

ἐν δόξει τοῦ σοφιστεῦσαι (VS 479 e 492). (NA)

<sup>37</sup> Sobre a atitude de Dion em relação aos sofistas e o fato de se considerar como um filósofo, ver G. R. Stanton, “Sophists and Philosophers: Problems of Classification”, *American Journal of Philology*, 94 (1973), p. 354 e C. P. Jones, *The Roman World of Dio Chrysostom*, Cambridge (MA), Harvard University Press, 1978, p. 11-12 e Aldo Bracacci, “Dio, Socrates and Cynicism” in: Simon Swain (org.), *Dio Chrysostom: Politics, Letters and Philosophy*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p. 240-260. (NA)

<sup>38</sup> Sobre este assunto ver P. A. Brunt “The bubble of the Second Sophistic”, p. 48 (Appendix II, A). (NA)

<sup>39</sup> Bernadette Puech, *Orateurs et sophistes grecs dans les inscriptions d'époque impériale*, p. 15. O

## 2. A antiguidade da segunda sofística e a penúria de 350 anos.

Tendo cruzado Ariobarzane de Silícia, Xenofron da Sicília e Peitágoras de Cirene, que pareceram incapazes de ter uma ideia que fosse ou mesmo de exprimi-la, ainda assim, em razão da penúria de sofistas autênticos, eles foram procurados por este título pelos gregos de sua época – assim como se faz com a lentilha na falta do trigo – mas sigamos com Nicete de Esmirna...

Filostrato, VS, 511.

A principal anomalia da classificação de Filostrato reside no fato de que os dois movimentos da sofística que se emprega para distingui-los teriam sido os dois fundados na época clássica ao passo que a lista dos *deuterosophistas* não compreenderia, senão, os sofistas da época imperial, com exceção de Ésquines, é claro<sup>40</sup>.

A sofística imperial a qual pertence Filostrato, a sofística da μελέτη, seria então antiga (ἀρχαία γάρ), quase tão antiga quanto a antiga (!), porque ela teria sido fundada em Rhodes, por Ésquines, um dos mais ilustres retores da Atenas clássica, pouco depois da morte de Alexandre, um pouco mais de cem anos depois da chegada de Górgias em Atenas (427 a.C.). O leitor moderno, incitado pela denominação “antiga” esperaria, logicamente, encontrar uma “nova” sofística, que deveria suceder a antiga. Ao invés disso ele deve lidar com as duas sofísticas, ambas antigas, tanto uma como a outra. O esquema poderia, a rigor, ser coerente se Filostrato reconstruísse, depois da sua fundação [feita] por Ésquines, as principais etapas da segunda sofística, desde Rhodes do séc. IV a. C. até a Esmirna do séc. I d. C. Mas ele, em vez disso, nos leva a um verdadeiro “salto no tempo” que nos faz passar de Ésquines a Nicete de Esmirna, o segundo sofista da lista, um intervalo de 350 anos<sup>41</sup>. A segunda sofística de Filostrato,

---

fenômeno se explica, segundo a autora pelo fato “que ao nome de <sofista> permanece ligado a lembrança daquela <retórica filosófica> que Filostrato começa por saudar, antes mesmo de fazer a história da retórica [do aparato]”. A “dupla denominação de sofista e de filósofo”, continua ela, “teria tido, sem dúvida, o efeito de um pleonasma”. (NA)

<sup>40</sup> Mesmo um autor como Alain Michel, “Rhétorique et philosophie au second siècle ap. J-C.”, p. 28, que aborda Filostrato com bastante simpatia, deve admitir que nas *Vidas* a “progressão cronológica não é resultado de um trabalho completamente rigoroso”. (NA)

<sup>41</sup> Francesca Mestre e Pilar Gomez, “Les Sophistes de Philostrate”, p. 337: “ele (Filostrato) não parece mais seguir uma cronologia coerente pois, depois de ter citado Ésquines como o fundador da segunda sofística, ele não encontra nenhum continuador até Nicéte de Esmirna, quatro séculos mais tarde!”. (NA)

tão antiga quanto a antiga, não se manifesta, então, (ou, talvez, muito pouco) nos tempos antigos. O fenômeno assume toda sua extensão se nos baseamos na obra de Filostrato, nos “novos” tempos que chamamos de época imperial. Como diria Graham Anderson, há “uma discrepância”<sup>42</sup>. Seria tentador ignorar esta diferença, ignorar a menção de Ésquines e dizer com Glen W. Bowersock que a segunda sofística “foi uma elaboração inerente ao alto império”<sup>43</sup>.

De fato, para dar conta do “buraco” de 350 anos na sucessão dos sofistas, ou então, segundo a hipótese de Kayser, deve ser assumido que o texto comporta uma lacuna<sup>44</sup>, ou ainda, segundo a opinião de muitos e particularmente de Simon Swain, deve ser assumido que Filostrato não encontrou nenhum retor, entre Alexandre o Grande e Nero, que correspondesse à sua concepção de sofista<sup>45</sup>. Na verdade, dificilmente Filostrato não teria ouvido falar de Hegésias de Magnésia (séc. III a.C.) - só para citar um caso particularmente conhecido<sup>46</sup>. Ele exhibe, mais verossimilhantermente, sua indiferença, e até mesmo o seu desprezo, avesso ao período helenístico<sup>47</sup>. Ele não encontra, assim, ninguém para nomear, entre Ésquines e Nicete de Esmirna, exceto Ariobarzane de Sílicia, Xenofron da Sicília e Peitágoras de Cirene, julgados indignos de nota e, por outro lado, totalmente desconhecidos. Do ponto de

---

Aos olhos de Graham Anderson *Philostratus . Biography and Belles Letters in the Third Century A.D.*, p.13, este ou, segundo seus termos, este “intervalo” [gap] instala o problema da credibilidade de Filostrato “desde a mais tenro início”. (NA)

<sup>42</sup> Graham Anderson, “The pepaideumenes in Action: Sophists and their Outlook in the Early Empire”, in: W. Haase (org.), *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. II (Band. 33.1), Berlin, Walter de Gruyter, 1989, p. 82. (NA)

<sup>43</sup> Glen W. Bowersock, *Greek Sophists in the Roman Empire*, p. 9: “O fato manifesto é que a segunda sofística, quer tenha sido derivada de Ésquines ou não, foi uma elaboração inerente ao alto império e não seria insensato aquele que chamasse isso de novo.” (NA)

<sup>44</sup> C. L. Kayser (editor), *Flavii Philostrati Opera*. Vol. II, Leipzig, Teubner, 1871, p. IX. Para Graham Anderson *Philostratus . Biography and Belles Letters in the Third Century A.D.*, p.12, “tais especulações são desnecessárias”. (NA)

<sup>45</sup> Simon Swain, “The Reability of Philostratus's *Lives of the Sophists*”, *Classical Antiquity*, 10 (1991), p. 151-152. O autor, *contra* Wilamowitz, tenta compreender a intenção de Filostrato. Deve-se levar em consideração, segundo ele, a vontade de produzir uma obra conforme o gosto do público (“um trabalho que reflita o espírito de sua época”) e os próprios gostos de Filostrato (“seus gostos próprios em retórica”). O autor das *Vidas*, na verdade, julgava os predecessores de Nicéte “deficientes em talento” e conhecia o gosto de seu público em relação à retórica praticada no império desde Néro.

<sup>46</sup> Hegésias de Magnésia teria sido o criador do asianismo, um gênero retórico marcado pelos excessos estilísticos. Sobre o assunto, ver Laurent Pernot, *La Rhétorique dans l'Antiquité*, p. 112 – 114. (NA)

<sup>47</sup> Seria indiferença, desprezo ou simplesmente ignorância? P. A. Brunt, “The Bubble of the Second Sophistic”, p. 33, defende que é em favor da ignorância: “Devemos concluir que os discursos dos precusores de Nicéte não eram mais lidos, e que Filostrato não os conhecia nem da tradição oral e nem de fontes escritas”. Simon Swain, “The Reliability of Philostratus's *Lives of the Sophists*”, p. 152, começa por dizer: “[Filostrato não pode ter sido ignorante desses retores que ocorreram] entre Ésquines e Nicéte”, para admitir, mais adiante no mesmo parágrafo que: “dado o fato que Filostrato depende amplamente de fontes orais, pode ser que Nicétes, que viveu cerca de 170 anos antes das *Vidas* serem publicadas, possa representar o extremo limite para recordação”. (NA)

vista de Filostrato, então é Nicete de Esmirna que, depois de ter encontrado a ciência (ἐπιστήμη) do discurso em um estado lamentável, põe fim à penúria de sofistas autênticos (ἀπορία γειναίων σοφιστῶν). Do ponto de vista de um crítico moderno, seria melhor, nesse caso, fazer a segunda sofística começar com Nicete de Esmirna, e classificar Ésquines entre os retores ou entre os sofistas da antiga sofística<sup>48</sup>. Isso permitiria, provavelmente, resolver uma parte do problema cronológico<sup>49</sup>, mas isso seria também negligenciar o fato que, aos olhos de Filostrato, a retórica que, na sua época, tinha merecido o epíteto de sofística e que consiste essencialmente em produzir declamações improvisadas em público, foi inventada por Ésquines. Nicete e os sofistas de Filostrato foram representados precisamente lá onde Ésquines tinha deixado. Pouco lhe importaria se realmente tivesse existido ou não, na época helenística, uma forma de retórica epidítica que praticava a declamação<sup>50</sup>. Tudo o que importa para Filostrato é o ponto de origem e o ponto de chegada<sup>51</sup>. Não é por acaso, naturalmente, que este ponto de origem seja situado no período clássico, o período de referência absoluto para toda a cultura grega do segundo século<sup>52</sup>. Além da oposição superficial entre a antiga e a segunda, poderíamos, de fato, considerar a escolha de Ésquines, elo entre a Atenas clássica (pré Alexandre) e o mundo helenístico (pós Alexandre), como um caso de arcaísmo, entre tantos outros na literatura do segundo século<sup>53</sup>, como uma maneira de

---

<sup>48</sup> Cf. B. P. Reardon, “The Second Sophistic”, p. 24: “Seria compreensível se Filostrato fizesse a segunda sofística *começar* com Nicétes”. (NA)

<sup>49</sup> Cf. Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A. D.*, p. 11: “nada poderia ter sido mais natural para Filostrato do que arranjar e esquema todo ao longo de linhas cronológicas estritas – Górgias e sua época, em seguida os oito 'sofistas' filósofos transpostos em bloco, em seguida Nicéte e seus seguidores”. (NA)

<sup>50</sup> Sobre a prática de uma retórica epidítica na época helenística e em Roma versus o fim da República, ver P. A. Brunt, “The Bubble of the Second Sophistic”, p. 29-30 e Graham Anderson, “The *pepaideumenos* in Action: Sophists and their Outlook in the Early Empire”, p. 84 - 87. (NA)

<sup>51</sup> Cf. Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A. D.*, p. 12: “Ele está simplesmente interessado com o hoje e o ontem”. Para Anderson, o “intervalo” de 350 anos se explica antes de mais nada pela atitude de Filostrato contra um passado idealista. C. P. Jones, “The Reliability of Philostratus”, in: Glen W. Bowersock (org.), *Approaches to the Second Sophistic. Papers presented at the 105th Annual Meeting of the American Philological Association*, University Park (Pennsylvania), The American Philological Association, 1974, p. 11, compara o “intervalo” de Filostrato à abordagem de Suétone no seu *De grammaticis et rhetoribus*: “assim como Filostrato, ele começa com um relato geral a respeito dos primórdios do seu assunto, em seguida fornece breves informações dos principais representantes em ordem cronológica”. (NA)

<sup>52</sup> A idealização da Atenas Clássica entre os autores do segundo século, um archaísmo que se exprime notavelmente pelo aticismo, um retorno à dialética ática de Platão e Demóstenes, trata-se de um fenômeno bem conhecido. Ver, sobre este assunto, o oportuno resumo de Laurent Pernot, *La Rhétorique dans l'Antiquité*, p. 188-192. Sobre o archaísmo na segunda sofística, ver o artigo de E. L. Bowie, “Greeks and their Past in the Second Sophistic”, *Past and Present*, in: 46 (1970), p. 3- 41. (NA)

<sup>53</sup> Cf. B. P. Reardon, “The Second Sophistic”, p. 25: “Ele está prestes a não considerar o único escritor de seu tempo que se comporta daquela maneira, de fato existem muito poucos que não o fazem” e E. L.

situar a sofística imperial em continuidade com a sofística antiga.

### 3. Górgias – o pai da τέχνη σοφιστική e a fonte do σχέδιος λόγος

A Sicília nos deu Górgias de Leontinos. Consideramos que é a ele, como a um pai, que remonta a arte dos sofistas.

Filostrato, *VS*, 492.

Assim como a categoria dos filósofos-sofistas e a penúria de 350 anos, o papel de Górgias na evolução da sofística contribui para se configurar como inoperante a distinção estabelecida por Filostrato entre a antiga sofística e a segunda.

Com efeito, no sistema de definição das *Vidas*, os sofistas que seguiram Ésquines devem, supostamente, tratar seus temas (ὑποθέσεις) segundo as regras da arte (κατὰ τέχνην) em oposição aos sofistas da antiga sofística que seguiram Górgias e que tratavam seus temas segundo suas opiniões (κατὰ δόξαν). Ou, no registro que é consagrada à Górgias, mais adiante no texto das *Vidas* (*VS* 492-494) Filostrato especifica que a arte dos sofistas (ἡ τῶν σοφιστῶν τέχνη) remonta à Górgias, como se ele fosse o pai (ὡσπερ ἐς πατέρα). Górgias teria tido a mesma importância para o desenvolvimento da sofística que Esquilo para evolução da arte dramática:

De fato, se tivéssemos em mente as numerosas contribuições de Esquilo à tragédia, como ele a muniu de figurino, de calçados que davam altura, dos gêneros heroicos, dos mensageiros que vinham do interior e do exterior, do que era apropriado para se fazer diante ou atrás da cena, nós veremos que ele terá o mesmo papel que Górgias terá junto a seus colegas. Ele foi, assim, o primeiro, entre os sofistas, a utilizar um estilo arrojado; o paradoxo, os períodos, a exposição grandiosa de assuntos grandiosos, a justaposição e a transição, todas as coisas que deixam o discurso mais agradável e mais impetuoso.

Filostrato, *VS*, 492.

Por conseguinte, todos sofistas incluindo, evidentemente, um *deuterosofista* como Escopélio de Esmirna<sup>54</sup>, deveriam créditos de suas respectivas artes a Górgias,

---

Bowie, “Greeks and their Past in the Second Sophistic”, p. 5: “a pretensão do precedente clássico sobre uma base, por mais escassa que seja, é mesmo sintomático da época”. (NA)

<sup>54</sup> Segundo Filostrato (*VS* 518), o sofista Escopélio, que tinha se saído bem ao convencer o imperador

embora o “sistema” fosse atribuído à κατὰ τέχνην para Ésquines e o sofista de Leontinos relegado à antiga sofística. A τέχνην de Górgias<sup>55</sup>, que consiste notadamente na inversão ou na sistematização das figuras de estilo, as famosas figuras “gorginianas”<sup>56</sup>, constitui, de fato, o verdadeiro fundamento da sofística, seja a antiga ou a segunda. Filostrato, em contradição com sua própria teoria, o reconhece assim quando voluntariamente designa Górgias como o pai da arte sofística e reduz *ipso facto* a oposição κατὰ τέχνην / κατὰ δόξαν a estado de mera antítese, a estado de figura gorginiana, para ser mais preciso.

O fato de “gorgianisar” - expressão forjada por Filostrato<sup>57</sup> - abarca, assim, pela sua origem e além das diferenças teóricas da introdução, todos os sofistas: os antigos, os segundos e os filósofos sofistas. A mesma unidade da origem se destaca também a propósito da improvisação (σχέδιος λόγος). Logo depois da descrição das duas sofísticas, Filostrato aborda, na verdade, a questão das origens dos discursos

---

Domiciano a revogar um decreto proibindo o cultivo da vinha na província da Ásia, se inspirava, sobretudo em Górgias: “entre os sofistas, é Górgias que ele mais frequentava, entre os retores também, aqueles cuja ressonância era a mais brilhante.” Sobre o papel político de Escopélio, ver Glen W. Bowersock, *Greek Sophists in the Roman Empire*, p. 44. Sobre as qualidades exemplares de Escopélio na qualidade da excelência da improvisação ver a descrição pitoresca de Filostrato (VS 519-520) e os comentários de Graham Anderson, *The Second Sophistic. A Cultural Phenomenon in the Roman Empire*, p. 55-56. (NA)

<sup>55</sup> A respeito de Górgias lembramos que ele é o único sofista da época clássica “do qual nós teríamos conservado as obras” Laurent Pernot, *La Rhétorique dans l'Antiquité*, p. 31. Encontraremos neste autor um resumo da vida e obra do sofista (p. 31-34). Os fragmentos de Górgias foram editados por Hermann Diels e Walther Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker* (seção 82 B) e Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 121-148, apresenta uma tradução de fragmentos extraídos do *Tratado do Não Ente* e do *Elogio de Helena*. Entre os numerosos trabalhos recém publicados sobre Górgias, mencionamos o artigo de James I. Porter, “The Seductions of Gorgias”, *Classical Antiquity*, 12.2 (1993), p. 267-299 e a contribuição de Marie-Pierre Noël que prepara para a Collection des Universités de France uma edição crítica com tradução e notas dos fragmentos de Górgias. De Marie-Pierre Noël ver sobretudo “Gorgias et l' 'invention' des Γοργία σχήματα”, *Revue des Études Grecques*, 112 (1999), p. 193-211 et “Kairos sophistique et mises en forme du logos chez Gorgias”, *Revue de Philologie*, 72.2 (1998), p. 233-246. (NA)

<sup>56</sup> As figuras (σχήματα) desenvolvidas por Górgias dão ao discurso um estilo poético, aquele que Aristóteles censura nele já que “o estilo da prosa é um outro que não o da poesia” (*Rhétorique* III, 1, 1404a) isso quer dizer que ele lhes dava um ritmo. Cf. sobre este ponto Ewen L. Bowie, “Greek Sophists and Greek Poetry in the Second Sophistic”, in: W. Haase (org.), *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. II (Band 33.1), Berlin, Walter de Gruyter, 1989, p. 212, que cita as críticas de Demétrius e de Dion em relação à prosa rítmica. Cf. Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 464: “Górgias, com suas figuras sonoras, confere metro e música à prosa.” No artigo citado na nota precedente (“Gorgias et l' 'invention' des Γοργία σχήματα”), Marie-Pierre Noël coloca o problema da atribuição das γοργία σχήματα a Górgias. Ela sublinha, entre outras coisas, a dificuldade de relacionar a variação na lista de figuras atribuídas a Górgias (p.197 – 198). Todavia, parece possível afirmar que a antítese, o parissílabo e a homilética constituem “o elemento essencial do estilo de Górgias segundo os antigos” (p. 198). (NA)

<sup>57</sup> O verbo γοργιάζω: falar como Górgias. Ver *Vidas dos Sofistas* (493 e 501) e o comentário de Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 464: “a palavra inventada por Filostrato e amplamente usada tanto pelo seu poder fônico quanto pela sua formação a partir de um nome próprio”. (NA)

improvisados (σχέδιος λόγος)<sup>58</sup>. Pode ser que se trata de um indício do caráter fundamental da improvisação, uma maneira de designar um ponto comum entre Ésquines e Górgias<sup>59</sup>. Quem foi o primeiro, se interroga Filostrato, a praticar a improvisação em público? Péricles? Pyton de Bizâncio? Ésquines? Górgias? É Górgias, segundo Filostrato, que seria a origem dos discursos *ex tempore*. Ele teria sido o primeiro a apresentar diante de uma multidão dizendo: “Proponham-me um tema!” (Προβάλλετε), e isso dava a entender que ele sabia tudo e que ele poderia falar de tudo segundo a inspiração do momento<sup>60</sup>. Acredita-se, conforme a leitura dos 44 registros consagrados aos sofistas imperiais revela, que a improvisação representa, no âmbito da declamação, aos olhos de Filostrato, a marca do sofista por excelência<sup>61</sup>. Quando o sofista da segunda sofística improvisa um discurso ele está em consonância com uma tradição inaugurada não por Ésquines, mas por Górgias, o fundador teórico da antiga sofística. A dupla paternidade de Górgias, admitida naturalmente pelo autor das *Vidas*, confunde consideravelmente a linha de demarcação entre a antiga e a segunda sofística.

A segunda sofística, marcada pelo discurso improvisado, não teria, então, sido fundada por Górgias, aquele que inventou a improvisação, mas por Ésquines, que teria sido o primeiro, segundo Filostrato, a praticar o estilo divino (θείως) nas suas improvisações: “ele improvisava levado por um elã divino, como o fazem aqueles que emanam dos oráculos” (θεοφορήτῳ ὀρμῇ ἀποσχεδιάζον -τος ὡσπερ οἱ τοὺς χρησμοὺς ἀναπνέοντες, *VS* 509). Porém, se incorporamos [isso] às definições de Filostrato, o estilo oracular e divino seria um dos traços característicos

---

<sup>58</sup> *Vidas dos Sofistas*, 482 – 483. (NA)

<sup>59</sup> O comentário de Francesca Mestre et Pilar Gomez, “Les sophistes de Philostrate”, p. 352, vai na mesma direção: “depois de ter estabelecido claramente quais são as diferenças entre a antiga e a segunda sofística, ele (Filostrato) se põe a explicar a origem de tal prática, que é, assim, implicitamente, consubstancial à atividade sofística em geral”. Cf. Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 461: “A improvisação tem um lugar de tanto destaque nas *Vidas* que muitas vezes nos questionamos se ela própria não seria, em si mesma, a sofística”. (NA)

<sup>60</sup> *Vidas dos Sofistas*, 482. Sobre a noção de *kairos*, fundamental na sofística à partir de Górgias, ver Alonso Tordesillas, “L'instance temporelle dans l'argumentation de la première et de la seconde sophistique: la notion de *kairos*”, in: Barbara Cassin (org.), *Le plaisir de parler*, p. 31-61 e Marie-Pierre Noël, “*Kairos* sophistique et mises en forme du *logos* chez Gorgias”, *Revue de Philologie*, 72.2 (1998), p. 233-246. Segundo Marie-Pierre Noël, a apresentação de Górgias improvisando no ato de se entregar ao *kairos* talvez seja anacrônica: “as expressões ἀφιείς τῷ καιρῷ e ἐπαφῆκεν ἑαυτὸν τῷ καιρῷ sugerem uma entrega ao *kairos* considerada como fonte de inspiração para os discursos longos que os virtuosos sofistas do segundo século praticavam, aqueles da segunda sofística. (NA)

<sup>61</sup> Cf. Francesca Mestre et Pilar Gomez, “Les sophistes de Philostrate”, p. 353: “Parece, portanto, que Filostrato teria feito dos discursos improvisados uma competência decisiva para poder ser reconhecido como sofista” e Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 465: “A eloquência *ex tempore* ... é a manifestação por excelência da retórica da época”. (NA)

da antiga sofística. Como observam Francesca Mestre e Pilar Gomez, “as posições estão completamente invertidas”<sup>62</sup>.

A função do sistema e a intenção da obra

Ao considerar as contradições do sistema o historiador tenderia, naturalmente, a colocar um pouco de ordem. Se, por exemplo, Filostrato tivesse se inspirado em Diógenes Laércio<sup>63</sup>, ele poderia ter tratado a sofística de maneira cronológica e apresentar primeiramente os antigos sofistas, de Górgias a Isócrates, em seguida os filósofos sofistas, de Eudoxo a Favorino, e finalmente a segunda sofística, de Nicete a Aspásio. Mas, seguramente, o sofista de Lemos não teria se preocupado, sobretudo, com a cronologia. As definições que sua introdução abrange, em virtude dos recursos históricos que elas teriam imposto, deixam supor, de acordo com o que nos parece, que o autor das *Vidas* não procura unicamente fazer a história da sofística. De qualquer maneira, ao mencioná-lo devemos reconhecer nele o mérito de fornecer informações por vezes superficiais e incompletas sobre numerosos sofistas e retores da época imperial mas, no geral, bastante confiáveis<sup>64</sup>. Se não é unicamente histórico, então qual é o propósito de Filostrato e de suas Βίαι

σοφιστῶν? Como devemos entender seu sistema das duas sofísticas?

### 1. As *Vidas dos Sofistas* são mesmo *Vidas*?

Filostrato não escreveu aquilo que poderíamos chamar de uma história dos

---

<sup>62</sup> Francesca Mestre et Pilar Gomez, “Les Sophistes de Philostrate”, p.351. (NA)

<sup>63</sup> Diógenes Laércio, provavelmente contemporâneo de Filostrato, compôs uma obra intitulada *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Para uma comparação entre Diógenes Laércio e Filostrato, ver A. Momigliano, “Ancient Biography and the Study of Religion”, in: *Idem, On Pagans, Jews, and Christians*, Middleton (Connecticut), Wesleyan University Press, 1987, p. 169-175 e Patricia Cox Miller, “Strategies of Representation in Collective Biography: Constructing the Subject as Holy”, in: Tomas Hägg e Philip Rousseau (org.), *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*, Berkeley, University of California Press, 2000, p. 214-220. (NA)

<sup>64</sup> Cf. C. P. Jones, “The Reliability of Philostratus”, p. 16: “devemos dizer que todo o valor de Filostrato para a história repousa nos detalhes individuais que ele preservou e não no modo no qual que ele os organizou” e Simon Swain, “The Reliability of Philostratus's *Lives of the Sophists*”, p. 158: “as informações de Filostrato podem ser constantemente checadas que, na maioria das vezes, ele será considerado correto”. Para Swain, o valor documental das *Vidas* reside sobretudo no ponto de vista que elas carregam em relação ao pano de fundo sócio-cultural da segunda sofística: “Elas podem ser de grande valia para nós na formação de uma idéia do pano de fundo sócio-cultural da época conhecida por nós, a partir de Filostrato, como a Segunda Sofística” (p.149). (NA)

sofistas, no sentido stricto da palavra. Ele também não escreveu, a despeito do título, o que poderíamos qualificar de uma biografia. Como ele mesmo explica ao Cônsul Antônio Gorgiano<sup>65</sup> no prefácio das *Vidas*, ele compôs dois livros que incidem sobre os sofistas propriamente ditos e sobre os filósofos que passaram por sofistas. Sem dúvida, especifica ele, ao mencionar os ancestrais de cada um dos sofistas, ainda que isso fosse consoante ao princípio biográfico, somente aqueles lá que são ilustres [se enquadram] (πατέρας δὲ οὐ προσέγραψα, μὰ Δι' οὐ, πᾶσιν, ἀλλὰ τοῖς ἀπ' εὐδοκίμων)<sup>66</sup>. Antes de mais nada ele irá se propor a descrever as qualidades e defeitos de cada sofista, seus sucessos e fracassos, aquilo que explica as variações, de uma informação à outra, da forma e do conteúdo<sup>67</sup>:

Que grande coisa seria isso, aliás, para aquele que realmente quisesse se instruir, conhecer com detalhes o pai e a mãe de um tal e, por outro lado, ignorar seus defeitos e suas qualidades, isso que por acaso ou propositalmente, o faria triunfar ou fracassar!

Filostrato, *VS*, 480.

De fato, a redação das informações biográficas que compõem a trama das *Vidas* privilegia a seleção de fatos relevantes à descrição ordenada e completa de uma vida. É a performance sofisticada que revela o valor do sofista, sua ἀρετή, e determina a seleção dos fatos<sup>68</sup>. Ainda que bem familiarizado com as tradições retóricas e principalmente com a tradição das *vidas* dos gramáticos, Filostrato, como demonstrou recentemente

---

<sup>65</sup> Ele estaria se referindo a Gorgiano I, ou a seu filho, Gorgiano II, ambos mortos em 238? Ver Timothy D. Barnes, "Philostratus and Gordian", *Latomus*, 27 (1968), p. 581 -597, que prefere a candidatura de Gorgiano II, e Alain Billault, *L'univers de Philostrate*, p. 29, que opta preferencialmente por Gorgiano I porque ele detém os dois títulos (cônsul e procônsul) os quais a dedicatória das *Vidas* designou. Ludo de Lannoy, "Le problème des Philostrate (État de la question)", in: W. Haase (org.), *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. II (Band 34.3), Berlin, Walter de Gruyter, 1997, p. 2366 e na nota 24, deixa a questão em aberto. (NA)

<sup>66</sup> Cf. C. P. Jones, "The Reliability of Philostratus", p. 11: "Algo que ele não estava tentando fazer, e isso parece claro, é escrever biografias dos sofistas em qualquer sentido real" e Glen W. Bowersock, *Greek Sophists in the Roman Empire*, p. 15: "Ele não estava tentando fazer uma biografia oficial ou acadêmica". (NA)

<sup>67</sup> A respeito das desigualdades em relação às extensões das informações e de seus conteúdos variados, ver Simon Swain, "The Reliability of Philostratus's *Lives of the Sophists*", p. 151. O autor sublinha o problema de credibilidade que repousa nesta irregularidade: "Uma das preocupações sobre a credibilidade das biografias se foca sobre seus cumprimentos desiguais e a variação dos conteúdos". (NA)

<sup>68</sup> Cf. Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A. D.*, p. 27: "As preocupações de Filostrato são as performances dos sofistas". Mais adiante Anderson supõe um código inerente à estrutura das *Vidas*: "um culto à personalidade da 'elite' de acordo com grande parte da escala de valores Homérica" (p. 78). (NA)

Marie-Pierre Noël na comparação entre as *Vidas dos Sofistas* com as *Vidas dos Dez Oradores*, se recusa sistematicamente a seguir as regras<sup>69</sup>. Não se trata, então, de biografias no sentido que pretende-se designar as *Vidas Paralelas* de Plutarco ou as *Vidas dos doze Césares* de Suetônio e poderíamos supor, com C. P. Jones, que Filostrato provavelmente teria intitulado sua obra de “Os sofistas”<sup>70</sup> e não de “As Vidas dos Sofistas”. No entanto, é aparentemente sob esse título, Βίοι σοφιστῶν, que Eunápio de Sardes a conheceu no fim do quarto século quando cita, entre seus predecessores, no começo das suas *Vidas dos Filósofos e Sofistas*, Filostrato de Lemos<sup>71</sup>. Se a obra de Filostrato foi realmente recebida como as Βίοι pela tradição talvez seja, no fundo, porque ela realmente se parece com o gênero biográfico, no entanto, de acordo com a forma da *De grammaticis et rhetoribus* de Suetônio, isto é, mesclando biografia e a doxografia<sup>72</sup>. Observamos nas duas obras, com efeito, um plano bastante semelhante: uma apresentação geral das origens da disciplina seguida de uma seleção de breves notas sobre os seus principais representantes<sup>73</sup>. Graham Anderson se questiona, aliás, se deve retomar a fórmula de Friedrich Leo que falava da “retorização” da Βίο: dos gramáticos ou não fixar, senão, o tratamento anedótico do gênero biográfico<sup>74</sup>.

## 2. As *Vidas dos Sofistas* e a literatura.

Desse modo, Filostrato nos deixou uma obra em dois livros sobre os sofistas que

---

<sup>69</sup> Marie-Pierre Noël, “Philostrate, historien de la première Sophistique”, in: Lucia Calboli Montefusco (org.), *Papers on Rhetoric III*, Bologne, Cooperativa libraria universitaria editrice Bologna (CLUEB), 2000, p. 196-207. (NA)

<sup>70</sup> C. P. Jones, “The Reliability of Philostratus”, p. 11. (NA)

<sup>71</sup> Eunape de Sardes, *Vies des philosophes et des sophistes* (Boissonade 454; Loeb Classical Library 346): Φιλόστρατος μὲν ὁ Λήμιος τοὺς τῶν ἀριστῶν σοφιστῶν ἐξ ἐπιδρομῆς μετὰ χάριτος παρέπυσσε βίους. (NA)

<sup>72</sup> Esta é a explicação de Simon Swain, “The Reliability of Philostratus's *Lives of the Sophists*”, p. 151: “Elas (as Vidas) são antes um tipo de mistura entre biografia e a mescla de biografia e doxografia oferecida por Sêneca (*Controversiae*), Suetônio (*De Grammaticis et Rhetoribus*), Favorino (*Apomnemonemata*) e Diógenes Laércio”. (NA)

<sup>73</sup> A observação é de C. P. Jones, “The Reliability of Philostratus”, p. 11. Ver supra nota 55. G. Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A. D.*, p. 12, que retoma a idéia e nota criteriosamente: “existe um salto similar das origens aos exemplos”. (NA)

<sup>74</sup> Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A. D.*, p. 25-26. Ao citar Friedrich Leo, Anderson retoma sua obra, *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer literarischen Form*, Teubner, 1901, p.258: “Filostrato toma a βίο: dos gramáticos como retórica”. F. Leo designa as *Vidas* como um tipo de biografia semi-literária (halbblitterarischer Biographie) que revela artificialismo (Verkünstelung) (p. 254). Para o caráter anedótico das *Vidas*, cf. Glen W. Bowersock, *Greek Sophists in the Roman Empire*, p.15: “Ele foi atraído por anedotas e ficou entusiasmado para citar o trabalho dos sofistas (uma característica das *Vidas* que pode, ocasionalmente, induzir o tédio)”. (NA)

apresenta, sobretudo, uma história da sofística e as biografias de 59 sofistas. Não obstante, uma breve análise do prefácio e da introdução revela que as *Vidas* não se deteve sobre o método histórico e sobre as regras do gênero biográfico. Filostrato não esconde, como pudemos perceber, que suas informações sobre os sofistas não respeitarão o princípio genealógico de maneira sistemática. No prefácio ele fornece a Antônio Gorgiano, na verdade, as duas razões pelas quais ele chegou a fazer dois livros sobre os sofistas. A primeira seria porque a família do cônsul remonta ao sofista Herodes; a outra seria porque o cônsul e Filostrato já tiveram outrora uma conversa sobre os sofistas em Antioquia:

Escrevi para você, ilustre cônsul Antônio Gorgiano, uma exposição em dois livros sobre aqueles que se passaram por sofistas, ainda que praticassem a filosofia, e sobre aqueles que foram chamados de sofistas justamente. Na verdade eu sei que sua família tem relação com essa arte uma vez que ela remonta ao sofista Herodes. Mas também porque me lembro das conversas que tivemos outrora sobre os sofistas em Antioquia, no santuário de Apolo Dáfneo.

Filostrato, *VS*, 479 – 480.

O autor das *Vidas* apresenta sua obra, assim, como a sequência de uma conversa que ocorreu outrora em Antioquia na companhia de Antônio Gordiano. O tom da obra parece determinado, ele irá se situar no registro da conversa, da *λαλιά* ou da *διάλεξις*<sup>75</sup>. O rigor da cronologia dará lugar aos aspectos pitorescos da anedota e a precisão das informações à elegância da expressão. Como nota Anderson, Filostrato pratica, de fato, a *ἀφέλεια* ou a simplicidade elegante e estudada, o idioma literário do erudito no exercício diletante<sup>76</sup>. Desse modo talvez possamos compreender e relevar as variações no arranjo das informações e as imprecisões na definição da sofística. Isso é o que Eunápio denominaria ao falar *ἐξ ἐπιδρομης*, ou seja, de improviso. No contexto descontraído de uma conversa fictícia entre pessoas educadas, o sofista Filostrato instrui agradavelmente sua audiência ao conversar descontraidamente sobre os sofistas com

<sup>75</sup> Ver Simon Swain, "The Reliability of Philostratus's *Lives of the Sophists*", p. 150, que cita o comentário de S. Rothe, *Kommentar zu ausgewählten Sophistenviten des Philostratos*, Heidelberg, 1989, p. 35-36. (NA)

<sup>76</sup> Graham Anderson, *Philostratus. Biography and Belles Lettres in the Third Century A. D.*, p. 14: "A produção da biografia foi naturalmente adaptada à prática da *apheleia* na prosa imperial: uma forma descontraída, elegante mas meticulosamente casual que visa modelos como os de Xenofonte, Heródoto e Platão mas não almeja os extremos do rigor acadêmico ou da antiguidade. Trata-se do idioma literário do *pepaideumenos* que se mantém diletante e aristocrata." (NA)

graça – Eunápio deve admitir!<sup>77</sup> - e com erudição. Em uma palavra, o sofista se utiliza da sofística. Pois, na apresentação de sua obra, como em uma conversa com Antônio Gorgiano, Filostrato revela claramente uma concepção da sofística. O sofista, como o mero retor, se utiliza da retórica, isso significa que ele prepara um discurso para pronunciá-lo diante de uma audiência. É Polemon, por exemplo, em missão diplomática junto de Adriano, que persuade o imperador conceder dez milhões de dracmas à cidade de Esmirna<sup>78</sup>. No entanto, diferente do simples retor, o sofista, quando faz uso da sofística, não o faz com o único objetivo de persuadir, mas também, com o objetivo de agradar e emocionar. É o mesmo Polemon que, no meio de uma declamação em Esmirna, que suscita a admiração do público pelas qualidades dramáticas de sua improvisação (*VS*, 537). Há na virtuose retórica, que Filostrato associa à sofística e que se desdobra na declamação, uma preocupação da forma e do efeito produzido pela forma. Barbara Cassin definiu, assim, o discurso sofisticado como “produtor retórico de um efeito sobre o outro”<sup>79</sup>. No caso da *Vida dos Sofistas* poderíamos, assim, supor que Filostrato não procura unicamente conhecer e comunicar a verdade histórica sobre os sofistas. Ele se esforça igualmente em agradar seu leitor, o cônsul Antônio Gorgiano, e há razões para crer que uma conversa sobre os sofistas iria agradá-lo. Então ele tentará fazer, de um cada um dos 59 sofistas que ele selecionou, um retrato que seja agradável a ser lido e que responda às exigências estéticas da arte sofística. Ele apresentará a seu cônsul uma galeria de retratos, assim como em outra ocasião propunha a um outro leitor, uma galeria de quadros<sup>80</sup>. Na medida em que se aceita ver na sofística um tratamento do

---

<sup>77</sup> μετὰ χάριτος, “com graça”, estas são as palavras de Eunápio para descrever a obra de Filostrato. Ver *supra* nota 71. (NA)

<sup>78</sup> *Vidas dos Sofistas*, 531. (NA)

<sup>79</sup> Barbara Cassin, “Do falso ou da mentira à ficção (de *pseudos* à *plasma*)”, p. 29. De uma certa maneira, segundo Barbara Cassin, a sofística pode se reduzir ao fato de falar por falar: λέγειν λόγου χάριν, uma expressão emprestada de Aristóteles, *Metafísica*, IV, 5 (1009 a 22): ὅσοιδὲ λόγου χάριν λέγουσι. Seguindo a interpretação de Barbara Cassin, “Do falso ou da mentira à ficção (de *pseudos* à *plasma*)”, p. 10, “falar para não dizer nada” isso significa deixar de lado o “falar de” em favor do “falar com vistas a”. Em outros termos, se ocupar menos de “isso que se fala” ao invés “daquilo para que se fala”. (NA)

<sup>80</sup> É necessário distinguir os *Quadros* [ou *Imagens*] do Filostrato que compôs as *Vidas*, dos *Quadros* atribuídos ao terceiro Filostrato da linhagem. A respeito dos três ou talvez quatro sofistas que portaram o nome de Filostrato e as duas coletâneas de *Quadros*, ver o artigo já citado de Ludo de Lannoy “Le problème des Philostrate”, p. 2367 e a introdução de François Lissarague para tradução das *Eikones* de Philostrate l’Ancien (Philostrate, La galerie de tableaux, traduit par Auguste Bougot, révisé et annoté par François Lissarague, avec une préface de Pierre Hadot, Paris, Les Belles Lettres (Coll. “La roue à livres”), 1991. É B. P. Reardon, na sua obra magistral *Courants littéraires grecs des IIe et IIIe siècles après J.-C.*, Paris, Les Belles Lettres, 1971, na página 188 coloca lado a lado as duas obras de Filostrato: “Essas *Vidas* se mostram, a grosso modo, detentoras do mesmo espírito que os *Quadros*, e nesse sentido que elas não fornecem um relato sério, detalhado e completo do assunto, mas consistem

discurso que se assemelha à criação literária, podemos dizer que o sofista elabora literatura. A literatura, seguindo a análise de Barbara Cassin, ocorre quando a retórica se torna poética, quando o discurso, livre da referência ao real, não tem outro fim senão produzir um mundo fictício<sup>81</sup>. É necessário nuançar o propósito de Barbara Cassin e lembrar que as declamações e as *Vidas dos Sofistas* têm como seu ponto de partida os personagens e os eventos da História. Os sofistas descritos por Filostrato nas *Vidas* criam, a partir de suas declamações, um discurso fictício, o mesmo que poderia provir de um Demóstenes, de um Felipe ou de um Dario. O próprio Filostrato, por seus ensaios biográficos, estaria criando não a vida de sofistas que não tem nada de fictício, mas um arranjo de fatos e características que compõem um retrato, às vezes mais conforme as regras da criação literária do que do gênero biográfico, é verdade, mas, ainda assim, um retrato que definiria um modelo de sofista. Os sofistas das *Vidas* se tornam, de algum modo, personagens<sup>82</sup>.

### 3. As *Vidas dos Sofistas*: uma reflexão pessoal de Filostrato

Para captar o propósito de Filostrato nas *Vidas*, é necessário voltar ao prefácio. Podemos estar de acordo que os dois livros sobre os sofistas dedicados ao cônsul Antônio Gorgiano não tomarão, *stricto sensu*, a forma de uma biografia e que elas tratarão livremente do assunto, à maneira de uma conversa. Podemos supor, como o faz Somon Swain, que as *Vidas* não se limitam à uma série de esboços literários<sup>83</sup>, compostos por amor à arte<sup>84</sup>, “miniaturas de madeiras”<sup>85</sup>? Em outros termos, o discurso sofisticado pode, simultaneamente, agradar e persuadir? Na sua vontade de compor uma obra que fosse agradável para ser lida e entendida, Filostrato exprime, ainda assim, uma

---

em uma série de pequenos esboços literários, elaborados a partir de um dado material e de maneiras variadas”. (NA)

<sup>81</sup> Barbara Cassin, “Do falso ou da mentira à ficção (de *pseudos* à *plasma*)”, p. 18: “O discurso sofisticado é demiúrgico, ele fabrica o mundo, ele o faz acontecer”. (NA)

<sup>82</sup> Para uma opinião semelhante, ver Marie-Pierre Noël, “Philostrate, historien de la première Sophistique”, p. 210: “Ele procura antes dar uma unidade a seus personagens e criar, com uma admirável excelência, os modelos de sofistas”. (NA)

<sup>83</sup> Simon Swain, “The Reliability of Philostratus's *Lives of the Sophists*”, p. 149. O autor, na verdade, critica o ponto de vista defendido por B. P. Reardon, *Courants littéraires grecs des IIe et IIIe siècles après J.-C.*, p. 188. (NA)

<sup>84</sup> Ver B. P. Reardon, “The Second Sophistic”, p. 27: “um ressurgimento da retórica epidítica como uma forma de arte começa ganhar lugar no fim do primeiro século depois de Cristo”. Reardon distingue três fases na evolução da retórica: uma função política, na democracia ateniense do período clássico, um quadro educativo, durante o período helenístico; e uma forma de arte, no império romano.

<sup>85</sup> Simon Swain, “The Reliability of Philostratus's *Lives of the Sophists*”, p. 149. (NA)

forma de pensar? Ao que parece seria possível de assim o crer se nos detemos ao termo utilizado no prefácio para descrever a obra. Com efeito, Filostrato não fala de um λόγος mas de um φρόντισμα, ou seja, de um pesar, de uma preocupação, de uma reflexão. Naturalmente, o termo pode ser interpretado como uma indicação sutil dos limites que o autor pretende impor ao seu discurso. Ou seja, Filostrato não tem a intenção de apresentar o fruto de uma pesquisa que visaria o estabelecimento objetivo daquilo que é verdadeiramente a sofística. Trata-se de um “eu” que se exprime: uma opinião, uma reflexão e não um saber universal<sup>86</sup>. A subjetividade de Filostrato explicaria, assim, porque a expressão “segunda sofística” é, no fundo, segundo as palavras de Anderson, uma elipse que fornece mais de ressonância do que de definição<sup>87</sup>. Todavia, não é vedado supor atrás dessa “elipse ressonante” uma certa concepção da sofística. As contradições do sistema, como já dissemos, estabelece a continuidade entre as duas sofísticas. A aparente incoerência que consiste em fazer com que a segunda sofística comesse com Ésquines revela, verdadeiramente, o pesar filostratiano de reatar sua τέχνη ao passado glorioso de Atenas. Os *experts* em retórica da época imperial, os sofistas celebrados nas *Vidas*, praticam tanto a improvisação inventada por Górgias quanto a inspiração desenvolvida por Ésquines. Apesar dos antigos sofistas se dedicarem preferencialmente à retórica “filosofante” e os segundos sofistas à retórica “historicizante”<sup>88</sup>, todos eles participam de uma mesma sofística, definida essencialmente pela maestria da improvisação<sup>89</sup>. A mesma observação vale para os filósofos-sofistas como Dion e Favorino com os quais Filostrato traça a linha até Eudoxo, discípulo de Platão. O φρόντισμα de Filostrato passa por uma recusa da novidade e uma reivindicação da antiguidade. Sua sofística, ele nos lembra, não é nova, ela é segunda. Ela se serve, por assim dizer, das mesmas fontes que a sofística de

---

<sup>86</sup> Francesca Mestre e Pilar Gomez, “Les sophistes de Philostrate”, p. 333-334. Segundo a análise das autoras, essa subjetividade não diz respeito somente a Filostrato, mas trata-se de uma característica da vida intelectual do seu tempo: “Na verdade, na época imperial, nós encontramos escritores – Plutarco, Dion Crisóstomo, Filostrato, Luciano – cujos discursos não parecem ter outro objetivo real que não sejam eles mesmos”. (NA)

<sup>87</sup> Graham Anderson, *Philostratus and Belles Lettres in the Third Century A.D.*, p. 17: “Observa-se que mesmo o termo Segunda Sofística ( δευτέρα σοφιστική ) em si é uma inteligente forma elíptica com mais ressonância do que definição”. (NA)

<sup>88</sup> Segundo o esquema de Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 459. Cf. Patricia Cox Miller, “Strategies of Representation in Collective Biography: Constructing the Subject as Holy”, p. 219: “o trabalho de Filostrato é baseado na distinção entre uma “antiga sofística” fundada no séc. V a.C. por Górgias e interessada em temas filosóficos, e uma “segunda sofística” fundada por Ésquines, o mais jovem contemporâneo de Górgias, e interessada em temas históricos”.

<sup>89</sup> Sobre a improvisação como denominador comum às duas sofísticas, ver Francesca Mestre e Pilar Gomez, “Les sophistes de Philostrate”, p. 356. (NA)

Górgias. A expressão “segunda sofística”, forjada por Filostrato para dar à sua arte um fundamento prestigioso, resume pois, engenhosamente, sua reflexão. O autor das *Vidas* evidentemente não é o único, na virada dos séculos segundo e terceiro, a se apoiar na Atenas clássica. Seu pesar se assenta, em grande parte, na tendência geral da literatura grega imperial de fazer uma espécie de recuperação histórica, para não dizer de “anacronismo voluntário”<sup>90</sup>. Os sofistas das *Vidas* se apresentam, aliás, como os virtuosos de um exercício, a declamação, que consiste precisamente em fazer reviver, pelo discurso, os eventos e personagens da Atenas dos séculos V e IV a.C.<sup>91</sup>.

Segundo Barbara Cassin e Aldo Brancacci, a reflexão de Filostrato iria mais longe do que a simples reivindicação de um “pedigree histórico”<sup>92</sup>. Ao desenvolver seu sistema das duas sofísticas, três se levarmos em conta os filósofos-sofistas, o autor das *Vidas* acertaria suas contas com a filosofia. Dizer da antiga sofística que ela é uma retórica filosofante que apreendeu melhor o real do que a filosofia porque ela é uma mântica divina é, nós dissemos, refutar as acusações de Platão e de Aristóteles contra os sofistas. Dizer em seguida que os filósofos que souberam demonstrar uma fluidez na fala podem ser classificados entre os sofistas, o mesmo título que os mais brilhantes retores, é uma maneira, como também dissemos, de submeter a filosofia à sofística. (Notemos que Filostrato nos dá de passagem, a propósito dos filósofos sofistas, uma certa definição da sofística: o retor ou o filósofo que demonstrar *hiperfonia* ou εὔροια ganha o nome de sofista). Não obstante, dizer com Brancacci que Filostrato procura fazer da sofística, de maneira geral e não limitada aos antigos sofistas, uma retórica filosofante<sup>93</sup>, é atribuir à reflexão de Filostrato uma ambição que provavelmente lhe era estranha. Barbara Cassin, por sua vez, defende uma tese mais interessante. O nascimento da segunda sofística acontece quando Filostrato coloca “ao mesmo tempo a retórica e a filosofia sob a égide da sofística”. É “este gesto”, continua ela, “que é constitutivo da segunda sofística e que determina o momento em que a sofística ocupa sozinha toda a cena, tanto aquela do

---

<sup>90</sup> A expressão é de Francesca Mestre e Pilar Gomez, “Les sophistes de Philostrate”, p. 341. Sobre o archaísmo e o aticismo, ver B. P. Reardon, “The Second Sophistic”, p. 35, que qualifica o fenômeno do retorno ao passado, característico da cultura do segundo século, de “fidelidade à tradição”. (NA)

<sup>91</sup> Cf. E. L. Bowie, “Greeks and their Past in the Second Sophistic”, p. 6-7 e Graham Anderson, *The Second Sophistic*, p. 62. (NA)

<sup>92</sup> Esta é a expressão utilizada por Patricia Cox Miller, “Strategies of Representation in Collective Biography: Constructing the Subject as Holy”, p. 219: “Seu verdadeiro interesse, contudo, repousa não tanto em explorar a diferença entre esses dois tipos de retórica, mas em estabelecer um *pedigree* histórico para os sofistas da sua própria época”. (NA)

<sup>93</sup> Aldo Brancacci, “Seconde sophistique, historiographie et philosophie”, p.94. (NA)

passado revisitado, como aquela do presente, escolhido como tal”<sup>94</sup>. A sofística e não mais a filosofia tornasse aquela que “estipula o valor”, a medida da “excelência”. A “vitória da sofística”, palavras de Brancacci<sup>95</sup>, seria confirmada pela categoria que resulta dos filósofos-sofistas. Ainda que Aristóteles considerava a sofística como “uma filosofia aparente, não real”: “ela parece mas não é”, para Filostrato, ao contrário, “é dos filósofos que se deve dizer: eles não são sofistas, mas apenas parecem”<sup>96</sup>.

#### 4. As *Vidas dos Sofistas*: um remédio para os males de Antônio Gorgiano

Filostrato termina seu prefácio entregando ao leitor a chave que o permitirá compreender bem sua obra. O φρόντισμα que ele dedica a Antônio Gorgiano e que tomará a forma agradável de uma conversa produzirá um efeito comparável ao de um φάρμακον, mais precisamente do φάρμακον de Helena. A referência é evidente e das mais significativas. Na verdade, seria melhor falar de uma dupla referência. A menção da “ânfora de Helena” remete, naturalmente, ao canto IV da *Odisséia* em que a bela Helena consola o jovem Telêmaco misturando no seu vinho uma droga egípcia<sup>97</sup>. Filostrato situa, assim, sua obra sob a égide do poeta Homero, o pai dos sofistas<sup>98</sup>. Por outro lado, a comparação estabelecida entre o φρόντισμα e o φάρμακον só pode ser uma alusão ao *Elogio de Helena* de Górgias em que o λόγος é justamente comparado a um φάρμακον. Então, Filostrato situa sua obra sob a autoridade de Górgias, o outro pai dos sofistas. Para captar bem a referência de Filostrato é necessário, aliás, se lembrar da função da droga que Helena deposita no vinho do seu anfitrião. “Esta droga”, especifica o texto homérico, “acalmado a dor, a cólera, dissolvía todos os males”<sup>99</sup>. Ela permitirá a Telêmaco, como diz Helena, deixar-se levar “ao prazer dos discursos”<sup>100</sup>. A reflexão de Filostrato sobre os sofistas aliviará, do mesma maneira, ou seja, em função

<sup>94</sup> Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 448. (NA)

<sup>95</sup> Aldo Brancacci, “Seconde sophistique, historiographie et philosophie”, p.96. (NA)

<sup>96</sup> Barbara Cassin, *L'effet sophistique*, p. 453. (NA)

<sup>97</sup> A passagem da *Odisséia* (IV 220) apresenta todos os traços de um *topos* retórico. Filostrato faz a mesma alusão uma outra vez na *Vida de Apolônio de Tiana* (VII 22). Ver também o *Discurso VIII* de Juliano (240 a.C.) e a interpretação que faz Diodoro da Sicília (*Bibliothèque historique* I, xcvi, 7) para atestar a presença de Homero no Egito. (NA)

<sup>98</sup> Filostrato, na *Vida dos Sofistas* (620), refere-se ao propósito do sofista Hipodromo da Tessália, que teria replicado a Nicagoras designando a tragédia como a mãe dos sofistas: “Eu digo, da minha parte, que Homero é o pai”. (NA)

<sup>99</sup> *Odisséia* IV 221 (trad. V. Bérard, CUF): νηπεινθές τῷ ἄχολόν τε, κακῶν ἐπίληθον ἀπάντων. (NA)

<sup>100</sup> *Odisséia* IV 239 (trad. V. Bérard, CUF): μύθοις τέρπεσθε. (NA)

“farmacêutica” da linguagem, os pesares do procônsul. Em seguida, é necessário lembrar como Górgias emprega o termo φάρμακον no *Elogio de Helena* para definir sua própria concepção do discurso: “Há a mesma ligação entre a força do logos em relação à disposição da alma e a disposição das drogas em relação à natureza dos corpos; pois assim como certas drogas eliminam do corpo certos estados de espírito e colocam fim à certas doenças e, em outras ocasiões, até à própria vida, assim também acontece entre os discursos; uns acalmam, outros encantam, aterrorizam, excitam a coragem dos ouvintes, ou ainda por uma persuasão nefasta, drogam e enfeitiçam a alma”<sup>101</sup>. Nessa passagem do *Elogio*, Górgias trata da persuasão (πειθώ), uma das quatro razões (αἰτίαι) que permitem exonerar Helena de toda culpa<sup>102</sup>. Em outras palavras, ele procura descrever o poder (δύναμις) do discurso, comparável ao poder da poesia e aquele oriundo de um processo mágico como o φάρμακον, contra o qual Helena nada podia fazer<sup>103</sup>. A fala do sofista produz na ψυχή<sup>104</sup> um efeito “farmacêutico”, ele “induz uma mudança de estado”<sup>105</sup>, mas não por inspiração das Musas que davam ao aedo Hesíodo o mesmo poder<sup>106</sup>, e sim pela maestria de uma arte que se assenta sobre um conhecimento da φύσις e que pode comparar-se, neste ponto, à arte do médico<sup>107</sup>. O sofista elabora seus discursos como o médico elabora seus remédios, segundo as regras da arte. Pela única menção da ânfora de Helena e das suas drogas, Filostrato, como pode ser observado, nos fornecerá, através desse caminho, sua concepção da sofística. De quebra, com isso, ele invoca Górgias como o pai da sofística. A unidade da sofística se vê, assim, afirmada, ainda que sutilmente. Mas como, a rigor, a droga em si trará ao cônsul alívio das suas contrariedades? É pelo prazer do discurso ou, mais precisamente,

---

<sup>101</sup> *Elogio de Helena* 14, tradução de Barbara Cassin, “Du faux ou du mensonge à la fiction (de pseudos à plasma)”, p. 10. (NA)

<sup>102</sup> *Elogio de Helena* 6 e 15. As outras três αἰτίαι são o acaso ou a necessidade (τύχη ou ἀνάγκη), a força (βία) e o amor (ἔρως). (NA)

<sup>103</sup> Górgias estabelece primeiramente o poder do discurso: λόγος δυνάστης μέγας ἐστίν (*Elogio de Helena* 8). Em seguida ele o compara à poesia, no parágrafo 9 e, aos encantamentos mágicos, no parágrafo 10. (NA)

<sup>104</sup> Sobre o impacto “psicológico” do logos, ver “Gorgias and the Psychology of the Logos”, *Harvard Studies in Classical Philology* 66 (1962), pp. 99-155. (NA)

<sup>105</sup> Barbara Cassin, “Du faux ou du mensonge à la fiction (de pseudos à plasma)”, p. 10. (NA)

<sup>106</sup> Ver *Teogonia* 93-103. (NA)

<sup>107</sup> Segundo a análise de Charles P. Segal, “Gorgias and the Psychology of the Logos”, p. 104, a alma é considerada, neste texto de Górgias, como uma realidade quase psíquica e encontra-se, então, “susceptível do mesmo tipo de controle e manipulação de um agente racional como o corpo por meio das drogas de um médico”. Partindo da equação *logoi* = “*pharmaka* medicinal”, Segal conclui que em Górgias “a *dynamis* do *logos* age como uma droga real afetando o estado da psyche” (p.105). (NA)

pelo encantamento (τέρψις) do discurso, à maneira dos aedos<sup>108</sup>, que o remédio produzirá seu efeito. Resumamos o processo. O sofista não se contenta em fazer uso da retórica, ou seja, em compor um discurso sobre um tema, ele produz também uma ficção, um *plasma*, do qual o objetivo se resumirá em encantar o leitor através do arranjo harmonioso das suas partes, através da perfeição da sua arte. É o prazer que proporciona esta demonstração artística que irá operar, por sua vez, no ouvinte ou no leitor o efeito terapêutico do discurso sofisticado.

## Conclusão

Pois o que a sofística realiza não é a faculdade, mas a intenção.  
(Aristóteles, *Retórica*, I 1355 b 19)

A interpretação da sofística no interior da introdução das *Vidas* coloca um problema de interpretação. A distinção entre antiga sofística e segunda sofística, proposta claramente na introdução, se vê embaralhada, desde a introdução, pela fundação da segunda por Ésquines e acrescenta ainda uma terceira categoria, os filósofos-sofistas, desmentida categoricamente no corpo da obra pelas notas sobre Górgias e Ésquines, que invertem completamente seus papéis. A constatação desta aparente confusão convida naturalmente a colocar a questão de *intentio operis*. Uma parte da resposta, segundo nossa opinião, se encontra no prefácio onde, em todo o caso, o assunto da obra é simplesmente resumido: os sofistas e os filósofos-sofistas. Segundo os termos expressos no prefácio, a forma da obra não será ditada, pelo menos não sistematicamente, pelas regras do gênero biográfico. Ela se assemelhará ao gênero da conversação. Ela apresentará as opiniões do autor sobre o assunto de tal modo que ela produzirá no leitor um efeito terapêutico.

De uma maneira ou de outra, é preciso aceitar que a apresentação que Filostrato nos dá da sofística busca causar boa impressão. O esquema, todo inscrito dentro da realidade histórica, produz um objeto literário inteiramente consistente que saberá satisfazer um amante das belas palavras como Antônio Gorgiano. O pensamento do sofista Filostrato, seu φρόντισμα, se manifestará, então, através de uma hábil composição, tecida de

---

<sup>108</sup> Como lembra Jacqueline de Romilly, “Gorgias et le pouvoir de la poésie”, p.156, o efeito de palavra poética de um Homero ou de um Hesíodo, revela o seu caráter divino e comporta, por isso, um aspecto benéfico. O autor sublinha que o prazer procurado pelo aedo, “um prazer bastante vivo”, se exprime normalmente pela palavra τέρπειν, que podemos traduzir por “encantar”. (NA)

imagens e de alusões. Os três *oratoris officia* de Cícero (instruir, agradar e comover)<sup>109</sup> se encontram reunidos e podemos facilmente supor que a expressão “segunda sofística” se tornou célebre e certamente terá trazido ao seu autor um prazer tanto estético como intelectual.

## ANEXO 1

### Vidas dos sofistas (Prefácio e introdução)

#### Prefácio

Redigi para você, tão ilustre cônsul Antônio Gorgiano, uma exposição em dois livros sobre esses que passam por sofistas, ainda que eles tenham praticado filosofia, e sobre que foram chamados sofistas corretos ao termo. Sei, em efeito, que sua família está ligada a esta arte, uma vez que ela remonta ao sofista Herodes. Também me lembro das conversas sobre os sofistas que tivemos outrora em Antioquia, no templo da Apolo Dáfneo. Não obstante, não reuni o nome de todos seus pais em todos momentos, não, por Zeus, mas somente aos sofistas oriundos de pais celebres. Em todo caso, sei que o sofista Crítias também não começa por mencionar seus pais, ainda que o faça em se tratando de Homero, pois queria mostrar o prodigioso fato do pai de Homero ter sido um rio. Por outro lado, de que valeria, para o que quer verdadeiramente se instruir, conhecer exatamente o pai e a mãe de um tal [sofista] e ignorar, por outro lado, seus defeitos e suas qualidades; isto que por acaso ou intencionalmente, o faria triunfar ou fracassar! Esta obra, tão querido pro cônsul, aliviará teu espírito das suas preocupações, assim como a ânfora de Helena com suas poções egípcias. O saúdo, chefe das Musas!

#### Introdução

Deve-se considerar a antiga sofística como uma retórica que põe em prática a filosofia. Ela discute, de fato, isso de que se ocupa os filósofos, mas enquanto que aqueles, depois de emboscados, munidos de suas questões, para retornarem pouco a pouco com míseros

---

<sup>109</sup>Cícero, *Brutus* 80, 276. (NA)

resultados de suas pesquisas, afirmam que ainda não conhecem [nada], o sofista da antiga sofística fala como detentor de saber. Por exemplo, as expressões “eu sei”, “eu conheço”, “examinei outrora a fundo” e “não há nada de certo ao homem” compõem os exórdios de seus discursos. Tal forma de exórdio faz seus discursos ressoarem com nobreza, com inteligência e clara compreensão do real. A filosofia se relaciona com a adivinhação humana, que os egípcios e os caldeus – e antes deles os hindus – formalizaram e que faz conjecturas da realidade a partir da infinidade de estrelas, enquanto que a sofística relaciona-se com a adivinhação profética e oracular. De fato, é só isso que se escuta deste oráculo pítico: “Eu, pelo menos, sei a quantidade de areia e a extensão do mar” e isso: “Que Zeus!, de voz estrondosa, dá a muralha de madeira à Tritogenia”, e isso: “Nero, Orestes e Alcmeon, matricidas” assim como outras expressões ainda, no estilo dos sofistas. Então, a antiga sofística, ainda que ela tenha se debruçado de início sobre questões filosóficas, tinha o hábito de discorre-las em extensão e volume. Ela discorria, assim, sobre coragem e justiça, sobre heróis e deuses, e de como o próprio universo tomou forma. A sofística seguinte, que não era nova mas também antiga, que seria melhor qualificada de segunda, esboça o modelo do pobre e do rico, do nobre e do soberano e trata sobre temas definidos que se relaciona à história. É na Tessália que Górgias, o leontino, deu origem a mais antiga sofística, enquanto que Ésquines, filho de Atrômeto, deu origem a segunda sofística, depois de ter se afastado da vida política de Atenas, quando foi viver em Cária e Rhodes. Os que seguiram Ésquines tratavam de seus temas segundo as regras da arte, ao passo que os que seguiram Górgias tratavam de seus temas de acordo com suas opiniões.

Alguns dizem que as origens dos discursos improvisados remontam primeiramente a Péricles, uma vez que Péricles foi considerado um grande orador. Outros dizem que eles vieram de Pyton de Bizâncio cujo qual Demóstenes sustenta ser o único, dentre os atenienses, a se posicionar quando ele é arrogante e eloquente. Outros ainda dizem que a invenção da improvisação advém de Ésquines, já que, assim que navegou de Rhodes a Cária, agradou Mausolo com um discurso improvisado. A meu ver, Ésquines improvisou mais do que qualquer outro quando foi embaixador ou em serviço em outras embaixadas; seja quando pedia a palavra ou quando era questionado em assembleias. Acredito que ele só deixou pronto alguns de seus discursos mais elaborados para não ficar atrás das obras de Demóstenes, mas é de Górgias a origem dos discursos improvisados. Foi ele, afinal, que, em Atenas, apareceu no teatro e teve a

audácia de dizer: “Me proponham um tema!” Ele foi o primeiro a dar voz a essa proposição arriscada, com a pretensão de, algum modo, tudo saber e ser capaz de falar de tudo, se entregando à inspiração do momento. Górgias se pôs a improvisar pela seguinte razão: Pródico de Cós compôs uma obra que carecia de entusiasmo, nele o vício e a virtude se apresentam a Hércules com a aparência de duas mulheres, uma, vestida de maneira requintada e colorida, a outra, de maneira comum, uma oferece a Hércules, ainda jovem, moleza e ociosidade, a outra, pena e indignação. Uma vez desenvolvida e concluída a obra, Pródico começou a fazer leituras públicas, em troca de salário, percorrendo as cidades e as encantando ao modo de Orfeu e de Talmira, assim, em Tebas, ele foi considerado digno de grandes honras e, em Esparta, mais ainda, por ter ensinado isto que é muito útil aos jovens. Górgias, tirando sarro de Pródico porque ele repetia em público seus mirrados discursos, se entregava, então, à inspiração do momento. E, certamente, ele não deixou de suscitar inveja. Com efeito, havia em Atenas um certo Querefonte, não se trata daquele que na comédia era chamado de marelo – aquele que teve uma doença de sangue causada pela meditação – este do qual eu falo se dedicava a práticas arrogantes e dedicava-se a zombarias sem pudor. Eis que este Querefonte, em tom sarcástico, se pôs a irritar Górgias. “Górgias”, disse ele, “por quê as favas soltam ar no ventre mas não apagam o fogo?” Nada desconcertado com a questão Górgias responde: “Deixo a você o exame desta questão. De minha parte, o que sei, e já faz tempo, é que a natureza faz nascer a vara para pessoas como você!”.

Assim que os atenienses constataram a habilidade oratória dos sofistas eles os excluíram dos tribunais, porque eles faziam triunfar a justiça a partir de argumentos injustos e tornaram-se poderosos com um certo desdém à lei. Motivo pelo qual Ésquines e Demóstenes faziam reprovação recíproca acusando ao outro de ser sofista, não que a coisa em si fosse digna de reprovação mas porque ela era suspeita aos olhos do júri. Em contextos privados, ao contrário, eles julgavam conveniente serem admirados pelo mesmo fato de serem sofistas. De fato, Demóstenes, se dermos crédito a Ésquines, muitas vezes se gabava ante seus familiares de condicionar o voto dos juízes às suas opiniões, enquanto que Ésquines, penso eu, não poderia, em Rhodes, tratar de questões desconhecidas até então aos cidadãos de Rhodes, se não tivesse, antes, se familiarizado seriamente sobre essas questões em Atenas.

Então, os antigos não deram o nome de sofista somente aos retores ilustres por conta da superioridade da linguagem deles, mas também aos filósofos que expunham

suas ideias com fluidez. Na verdade, é desses que se deve falar primeiramente, pois, ainda que eles não tenham sido sofistas, eles pareceram ser e acabaram por levar o nome.

## ANEXO 2

### VIDAS DOS SOFISTAS (LISTA DOS SOFISTAS)

#### Livro I

<b>Os filósofos sofistas</b>	<b>Olearius</b> <sup>110</sup>	<b>Wright</b> <sup>111</sup>
1. Eudoxo de Cnido	484	12
2. Leon de Bizâncio	485	12-14
3. Dias de Éfeso	485-486	14-16
4. Carneadas de Atenas	486	16
5. Filostrato Egípcio	486	16
6. Teomnesto de Naucratis	486	16
7. Dion de Prusa	487-488	16-22
8. Favorino de Arles	489-492	22-28
<b>[Primeira sofística](Os antigos sofistas)</b>	<b>Olearius</b>	<b>Wright</b>
9. Górgias de Leôncio	492-494	28-32
10. Protágoras de Abdera	494-495	32-34
11. Hípias de Elis	495-496	34-36
12. Pródico de Cós	496	36-38
13. Polo de Agrigento	497	38
14. Trasímaco da Calcedônia	497	38
15. Antifonte de Ramonte	498-500	38-44
16. Crítias o sofista	501-503	44-50
17. Isócrates o sofista	503-506	50-54
<b>[Segunda sofística](Os segundos sofistas)</b>	<b>Olearius</b>	<b>Wright</b>
18. Ésquines	507-510	56-62
19. Nicete de Esmirna	511-512	62-66
20. Iseo Assírio	512-514	66-70
21. Escopélio	514-521	70-88

<sup>110</sup> Olearius = paginação da edição de Filostrato feita por Olearius (Leipzig, 1709).

<sup>111</sup> Wright = paginação (texto grego) da edição das *VS* feita por W. M. Wright (Loeb Classical Library, 1921).

22. Dionísio de Mileto	521-526	88-98
23. Loliano de Éfeso	526-527	98-100
24. Marcos de Bizâncio	527-530	100-106
25. Polemon	530-544	106-136
26. Segundo de Atenas	544-545	136

Livro II

<b>[Segunda sofística](continuação)</b>	<b>Olearius</b>	<b>Wright</b>
1. Heródoto Ateniense	545-566	138-182
2. Teodoro	566-567	182
3. Arístocles de Pergamo	567-568	182-184
4. Antíoco da Sicília	568-570	184-190
5. Alexandre Peloplaton	570-576	190-202
6. Varo de Perge	576-577	202-204
7. Hermógenes de Tarso	577-578	204-206
8. Filagro da Sicília	578-581	206-214
9. Aristides	581-585	214-222
10. Adriano de Tiro	585-590	222-234
11. Cresto de Bizâncio	590-592	234-236
12. Pólux de Naucratis	592-593	236-240
13. Pausânias	593-594	240-242
14. Atenodoro	594-595	242
15. Ptolomeu de Naucratis	595-596	244-246
16. Evodiano de Esmirna	596-597	246-248
17. Rufo de Perinto	597-598	248-250
18. Onomarco de Andros	598-599	250-252
19. Apolônio de Naucratis	599-600	252-254
20. Apolônio de Atenas	600-602	254-258
21. Proclo de Naucratis	602-604	258-262
22. Fênix da Tessália	604	262-264
23. Damiano de Éfeso	605-606	264-268
24. Antípatro de Hierápolis	606-607	268-270
25. Hermócrates da Fócida	608-612	270-278

26. Heráclides de Lícia	612-615	278-284
27. Hipodromo da Tessália	615-620	284-296
28. Varo de Laodicéia	620	296
29. Quirino de Nicomédia	620-621	296-300
30. Filisco da Tessália	621-623	300-304
31. Eliano	624-625	304-306
32. Heliodoro	625-627	306-310
33. Aspásio de Ravena	627-628	310-314

Data de envio: 11 de janeiro de 2013.

Data de aprovação: 13 de junho de 2013.

Data de publicação: 2 de setembro de 2013.